

Trançando Dores, Afetos E Memórias: Relato De Experiência No Grupo Dor E Luto Da Universidade Da Maturidade (UMA/UFT)

Clara Lúcia Bortoloto¹, Neila Barbosa Osório², Marileide Carvalho de Souza³,
Luiz Ferreira de Oliveira Júnior⁴, Eugenia Maria Justy de Freitas⁵,
Fábio Vasconcellos Lang⁶, Adriana da Costa Pereira Aguiar⁷,
Nair Gonçalves Rech⁸

Especialização A Distância - Tutoria Em Metodologia E Aprendizagem
Pós-Doutora Em Educação Pela UEPA/PA. Pós-Doutoranda Sênior Duplo Internacional Brasil/Portugal.
Doutora Em Ciência Do Movimento Humano - UFSM/RS. Coordenadora Da UMA/GIPEEIAH/UFT.
Professora Titular Do PPGE/UMA/UFT E Do PGEDA/EDUCANORTE.
Doutoranda Em Educação – PPGE/UFT E PGEDA/EDUCANORTE. Pesquisadora GIPEEIAH/UMA/UFT.
Graduado Em História; Acadêmico Da UMA/UFT.
Pedagoga; Especialista Em Neuropsicopedagogia E Gestão Educacional; Acadêmica Da UMA/UFT.
Especialização Em Ciência Política, Defesa E Estratégia Brasileira - UFT. Universidade Da Maturidade /
Universidade Federal Do Tocantins (UMA/UFT).
Doutoranda Em Educação (2024) Pela University FUUSA, EUA. Mestre Em Educação – UFT.
Mestranda Em Desenvolvimento Local - UCDB. Membro Do GEPECTUR - UEMS.

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no Grupo Dor e Luto da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), Polo Palmas, a partir da vivência pedagógica intitulada “Trançando dores, afetos e memórias”. A experiência ocorreu em 22 de outubro de 2025 e mobilizou fios coloridos, música, bastidor e partilha oral como mediações simbólicas para a expressão da dor, da memória e dos vínculos afetivos. O objetivo do texto é analisar como a vivência favoreceu a nomeação sensível das perdas, a escuta intersubjetiva e a elaboração coletiva de sentidos no contexto de uma educação intergeracional. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, sustentado por descrição densa da atividade, registros narrativos e interpretação fenomenológica. A fundamentação articula estudos sobre luto, perdas não legitimadas, vínculos continuados, mundo vivido, intersubjetividade e Pedagogia da Trama Viva. A dinâmica das cores foi inspirada, de modo ressignificado, no acolhimento com classificação de risco utilizado nos serviços de urgência, sem finalidade diagnóstica, clínica ou classificatória. No deslocamento para o campo pedagógico, as cores tornaram-se linguagem simbólica da intensidade emocional vivida pelos participantes. A experiência evidenciou que o luto, compreendido em sentido ampliado, não se limita à morte de pessoas, mas atravessa afastamentos, rupturas, adoecimentos, perdas de animais de estimação e transformações existenciais. Conclui-se que o Grupo Dor e Luto se configura como espaço de acolhimento, memória e reconstrução de sentidos, no qual a Trama Viva se manifesta como pedagogia do cuidado, da escuta e do estar-com-o-outro.

Palavras-chave: *Luto. Fenomenologia. Intersubjetividade. Trama Viva. Universidade da Maturidade.*

Date of Submission: 02-05-2026

Date of Acceptance: 12-05-2026

I. Introdução

O Grupo Dor e Luto da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), Polo Palmas, não se constitui apenas como atividade acadêmica ou encontro temático. Em sua densidade formativa, apresenta-se como espaço de acolhimento existencial, no qual a dor pode ser nomeada, escutada e partilhada sem que precise ser apressadamente silenciada, corrigida ou superada. Nesse horizonte, a experiência do luto deixa de ser compreendida como episódio privado e isolado para tornar-se fenômeno vivido, situado no mundo da vida e atravessado por vínculos, memórias, temporalidades e relações intersubjetivas.

A vivência analisada neste artigo, intitulada “Trançando dores, afetos e memórias”, foi realizada em 22 de outubro de 2025, no prédio do Polo UMA/Palmas-TO. Participaram 16 pessoas, entre acadêmicos maduros, participantes mais jovens, professores, pesquisadores da UMA e um psicólogo de apoio ao grupo. A composição intergeracional do encontro não se apresentou como dado meramente demográfico, mas como condição

pedagógica relevante: cada participante chegou ao espaço com sua história, seu repertório de perdas, seus modos de lembrar e suas possibilidades de escuta.

A proposta teve como mediações fios coloridos, bastidor, trança simbólica, música e partilha oral. Os participantes foram convidados a escolher uma cor que, naquele momento, se aproximasse da intensidade de sua dor emocional. Em seguida, poderiam compartilhar, livremente, os sentidos dessa escolha. Ao final, cada fio foi preso a um bastidor coletivo, formando uma trama comum de afetos e memórias. No centro do bastidor, uma trança de fios mais espessos simbolizou os acadêmicos da UMA falecidos recentemente, preservando a memória dos vínculos que continuam a habitar o grupo.

A experiência dialoga diretamente com a Pedagogia da Trama Viva, compreendida, no contexto da UMA/UFT, como uma práxis pedagógica que reconhece a aprendizagem como processo tecido entre corpos, memórias, narrativas, afetos e pertencimentos. Ao transformar fios em linguagem simbólica da dor, a vivência mostrou que o conhecimento não nasce apenas da explicação conceitual, mas também do gesto, do silêncio, do abraço, da lágrima e da escuta.

O objetivo deste artigo é analisar, em perspectiva fenomenológica e intergeracional, como a vivência “Trançando dores, afetos e memórias” favoreceu a expressão simbólica do luto, a partilha de perdas e a reconstrução coletiva de sentidos no Grupo Dor e Luto da UMA/UFT. Para isso, o texto organiza-se em quatro movimentos: fundamentação teórica, percurso metodológico, descrição e análise da experiência e considerações finais.

II. Fundamentação Teórica: Dor, Luto, Intersubjetividade E Trama Viva

O luto é uma experiência constitutiva da existência humana. Ele não se reduz ao sofrimento provocado pela morte de alguém, embora esta seja uma de suas expressões mais profundas. Também se manifesta diante de afastamentos, rupturas, adoecimentos, perdas de lugares, mudanças de papéis sociais, aposentadorias, separações, perdas de animais de estimação e transformações que alteram a forma como a pessoa se reconhece no mundo. Nessa perspectiva, o luto precisa ser compreendido como processo de significação, no qual a pessoa busca reorganizar a própria vida diante de uma ausência que continua a produzir sentidos.

Bowlby (2004), ao discutir apego e perda, permite compreender que a dor do luto nasce da intensidade dos vínculos. Não se sofre apenas pela ausência objetiva de alguém ou de algo, mas pela ruptura de uma forma de presença que estruturava modos de viver, esperar, cuidar e pertencer. Worden (2018), por sua vez, compreende o luto como um percurso ativo de elaboração, no qual a pessoa enlutada realiza tarefas de reconhecimento da perda, expressão da dor, adaptação à nova realidade e construção de uma continuidade possível da vida.

Stroebe e Schut (1999) ajudam a evitar uma concepção linear do luto, ao proporem o modelo do processo dual, segundo o qual a pessoa oscila entre movimentos orientados para a perda e movimentos orientados para a restauração. Isso significa que o luto não segue uma linha reta, nem se resolve por etapas rígidas. Ele se move entre lembrança e recomeço, ausência e presença simbólica, fragilidade e reorganização cotidiana. Tal compreensão é especialmente importante quando se trata de grupos intergeracionais, nos quais diferentes temporalidades da vida se encontram e se reconhecem.

A noção de vínculos continuados, desenvolvida por Klass, Silverman e Nickman (1996), também contribui para interpretar a experiência vivida no Grupo Dor e Luto. A elaboração da perda não exige apagar a presença simbólica de quem partiu. Ao contrário, muitas vezes a pessoa enlutada reconstrói modos de manter o vínculo por meio da memória, de rituais, objetos, narrativas, fotografias, gestos e práticas de homenagem. No bastidor construído pelo grupo, a trança central dedicada aos acadêmicos falecidos expressou exatamente essa permanência afetiva: os que partiram deixam de estar fisicamente presentes, mas continuam compondo a trama da comunidade.

Casellato (2015, 2020) amplia essa compreensão ao abordar os lutos não reconhecidos ou não legitimados socialmente. Muitas dores são diminuídas, invisibilizadas ou consideradas menos importantes por não se enquadrarem em modelos socialmente aceitos de perda. O luto por um animal de estimação, por exemplo, pode ser desautorizado por discursos que minimizam o vínculo afetivo. Da mesma forma, afastamentos familiares, separações, perdas de autonomia e mudanças existenciais podem produzir sofrimentos intensos, ainda que nem sempre recebam acolhimento social adequado.

Do ponto de vista fenomenológico, a dor não é apenas um conteúdo psicológico interno. Ela se manifesta no corpo, na voz, no silêncio, no olhar, no gesto e na forma como a pessoa se coloca diante do mundo. Husserl (2012) indica a necessidade de retornar às coisas mesmas, isto é, à experiência tal como se mostra à consciência. Schutz (1979) desloca esse horizonte para o mundo da vida social, compreendendo que os sentidos são produzidos na relação com os outros, a partir de estoques de conhecimento, biografias, tipificações e experiências compartilhadas.

Merleau-Ponty (2018) aprofunda essa leitura ao mostrar que o corpo é a condição sensível de nossa presença no mundo. A dor, portanto, não aparece apenas como ideia ou lembrança; ela atravessa a corporeidade. Em um grupo de luto, o corpo fala antes mesmo da palavra: mãos que seguram o fio com força, olhos que se

enchem de lágrimas, pausas longas antes do relato, abraços que acolhem aquilo que a linguagem ainda não consegue organizar. A experiência pedagógica, nesse sentido, não ocorre fora do corpo, mas por meio dele.

É nesse campo que a Pedagogia da Trama Viva, conforme Osório (2025), oferece uma chave interpretativa fundamental. Na UMA/UFT, a Trama Viva não se restringe a uma técnica ou metáfora didática; ela expressa um modo de compreender a educação como tessitura de vida, memória, território, afeto e intergeracionalidade. O fio escolhido por cada participante não é apenas materialidade. Ele se torna símbolo, narrativa e presença. Quando entrelaçado aos fios dos outros, revela que a dor individual não desaparece, mas encontra uma comunidade capaz de sustentá-la sem julgamento.

Assim, a vivência analisada neste artigo articula três dimensões: a dor como experiência vivida; o luto como processo de reconstrução de sentido; e a Trama Viva como pedagogia do acolhimento, da intersubjetividade e da memória. Nesse encontro, educar não significa explicar a dor do outro, mas criar condições para que ela possa ser dita, escutada, simbolizada e acolhida em um tecido comum de humanidade.

III. Percurso Metodológico: Relato De Experiência E Cuidado Ético Da Escuta

Este artigo caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, com inspiração fenomenológica. O relato de experiência, quando elaborado com rigor descritivo e densidade interpretativa, não se limita à narração de uma prática realizada. Ele transforma a experiência em objeto de reflexão, permitindo explicitar procedimentos, sentidos, mediações, aprendizagens e implicações pedagógicas (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

A experiência relatada ocorreu no Grupo Dor e Luto da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins, Polo Palmas, em 22 de outubro de 2025. O encontro contou com 16 participantes, incluindo acadêmicos maduros, duas participantes em diferentes fases da vida, professores, pesquisadores da UMA/UFT e um psicólogo de apoio. A presença do profissional de psicologia foi relevante para assegurar um ambiente de cuidado diante da delicadeza dos relatos mobilizados.

A vivência foi organizada em seis momentos: acolhida inicial; apresentação do histórico e dos objetivos do Grupo Dor e Luto; contextualização da dinâmica das cores; escuta da música “Trem Bala”, de Ana Vilela; escolha dos fios coloridos e partilha espontânea dos sentidos atribuídos à cor escolhida; e, por fim, composição coletiva do bastidor, com inserção de uma trança central em memória dos acadêmicos falecidos recentemente.

Os registros utilizados neste artigo derivam da observação da vivência, de anotações narrativas e de excertos de falas partilhadas espontaneamente no encontro. Para preservar os participantes, os relatos foram desidentificados e apresentados por meio de códigos, tais como P1, P2, P3 e P4. A escrita evita detalhes que possam expor indevidamente a intimidade dos envolvidos, considerando que o tema do luto exige cuidado ético, escuta responsável e proteção da dignidade dos sujeitos.

A análise foi conduzida em perspectiva fenomenológica, buscando compreender como a dor se apresentou na experiência vivida, quais mediações favoreceram sua expressão e de que modo o grupo produziu sentidos coletivos a partir da partilha. Não se pretendeu avaliar clinicamente os participantes, diagnosticar estados emocionais ou medir sofrimento. O interesse foi pedagógico e interpretativo: compreender como uma experiência educativa pode criar condições de acolhimento, simbolização e reconstrução de vínculos.

IV. Descrição E Análise Da Vivência: Cores, Fios E Elaboração Coletiva Do Luto **O protocolo das cores como mediação simbólica**

Durante a vivência, utilizou-se como inspiração o acolhimento com classificação de risco por cores, empregado nos serviços de urgência em saúde no Brasil. No campo técnico, esse tipo de protocolo organiza o atendimento de acordo com o grau de gravidade e o potencial de agravamento do estado do paciente, estabelecendo prioridades de cuidado (BRASIL, 2009).

No Grupo Dor e Luto, entretanto, essa referência foi deslocada para o campo pedagógico e simbólico. As cores não foram utilizadas para classificar pessoas, diagnosticar sofrimento ou estabelecer prioridade clínica. Elas foram resignificadas como linguagem sensível da dor emocional, oferecendo aos participantes uma forma de aproximação com aquilo que, muitas vezes, permanece sem nome.

A transposição das cores do campo técnico da urgência para o campo pedagógico da escuta não teve finalidade diagnóstica, classificatória ou terapêutica. Tratou-se de uma resignificação simbólica, orientada pela intencionalidade educativa da vivência, na qual cada cor deixou de indicar prioridade clínica e passou a funcionar como linguagem sensível da dor narrada.

Nesse deslocamento, o fio colorido tornou-se mediação fenomenológica: não explicava a dor, mas permitia que ela se apresentasse, fosse nomeada e encontrasse acolhimento no espaço intersubjetivo do grupo. Assim, a cor não reduziu a experiência a uma escala, mas abriu uma possibilidade de expressão para aquilo que, muitas vezes, permanece silencioso no mundo vivido.

Quadro 1 - Ressignificação pedagógica das cores na vivência “Trançando dores, afetos e memórias”

Cor	Sentido intencional da escolha	Possibilidade pedagógica de leitura
Branco	Hoje minha dor está quase ausente; sinto calma e leveza.	Indica um momento de maior repouso emocional, sem negar a história da perda.
Verde	Hoje minha dor está leve; consigo respirar e me manter sereno(a).	Sinaliza abertura ao recomeço, esperança e possibilidade de reorganização.
Amarelo	Hoje minha dor está moderada; sinto tristeza, mas consigo lidar com ela.	Expressa tristeza presente, porém acompanhada de algum recurso interno de sustentação.
Laranja	Hoje minha dor está significativa; é difícil, mas estou tentando me apoiar.	Revela sofrimento intenso, mas também busca de apoio e permanência no vínculo coletivo.
Vermelho	Hoje minha dor está forte; sinto angústia e preciso de acolhimento.	Evidencia dor mobilizadora e necessidade de presença, escuta e cuidado.
Lilás	Hoje minha dor está muito intensa; sinto tristeza profunda e estou lutando para seguir.	Marca uma experiência de grande vulnerabilidade, na qual o grupo pode atuar como suporte afetivo.
Preto	Hoje minha dor está extrema; sinto vazio e desespero, preciso de ajuda e presença.	Exige atenção cuidadosa, acolhimento responsável e presença profissional quando necessário.

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de ressignificação pedagógica do acolhimento com classificação de risco nos serviços de urgência (BRASIL, 2009).

A presença do Quadro 1 não pretende transformar a dor em escala fixa. Seu sentido está na criação de uma linguagem de aproximação. A cor permitiu que alguns participantes falassem quando a palavra ainda era difícil; em outros casos, possibilitou reconhecer que a dor não era apenas individual, pois, ao ser partilhada, encontrava eco no grupo. O fio, nesse contexto, operou como objeto mediador entre interioridade e expressão, entre silêncio e narrativa, entre perda singular e acolhimento coletivo.

A escolha de incluir o branco, o lilás e o preto ampliou a proposta inicial e permitiu acolher diferentes intensidades de experiência. O branco sinalizou momentos de maior leveza; o lilás abriu lugar para a tristeza profunda; o preto indicou experiências de vazio extremo, exigindo cuidado redobrado e presença responsável. Essa ampliação reforçou que a dor não se apresenta de forma homogênea e que cada participante se aproxima dela a partir de sua biografia, de seus vínculos e de seu momento existencial.

O desenvolvimento da dinâmica: música, escolha dos fios e partilha da dor

A dinâmica iniciou-se com a escuta da música “Trem Bala”, de Ana Vilela, escolhida por convocar sentidos relacionados à brevidade da vida, à presença, aos vínculos e ao valor das relações. A música não funcionou como simples ambientação sonora, mas como abertura sensível da vivência. Ela ajudou a criar uma atmosfera de recolhimento, permitindo que os participantes se colocassem diante de suas memórias e afetos.

Em seguida, cada participante foi convidado a escolher um fio colorido. Os fios estavam acompanhados de pequenas frases que indicavam estados emocionais possíveis, sem obrigar ninguém a falar. A orientação foi clara: a partilha seria livre, respeitando o tempo, o silêncio e o desejo de cada pessoa. Essa liberdade foi essencial para que a experiência não se convertesse em exposição forçada da dor, mas em convite à expressão cuidadosa do vivido.

Alguns participantes reconheceram imediatamente a cor escolhida como uma espécie de espelho de sua condição emocional. Uma participante, ao selecionar a cor correspondente à dor intensa, afirmou: “Minha dor hoje está muito forte, pois exatamente hoje faz um ano que perdi meu filho” (P1).

Outro participante, ao escolher o laranja, encontrou na frase do cartão uma nomeação possível para seu sofrimento: “Escolhi o laranja, e parece que foi escrito especialmente para mim. Hoje minha dor está bastante intensa; está difícil, mas estou tentando me ajustar a ela para continuar” (P2).

A força pedagógica da dinâmica esteve justamente nesse reconhecimento: a frase não explicava a vida da pessoa, mas lhe oferecia uma possibilidade de dizer-se. Em uma experiência de luto, muitas vezes a linguagem cotidiana é insuficiente. A cor e o fio ajudaram a construir uma passagem entre aquilo que era sentido no corpo e aquilo que poderia ser partilhado no coletivo.

Um dos relatos mais mobilizadores veio de um participante que comparecia ao grupo pela primeira vez. Ao escolher o fio vermelho, segurou-o firmemente e narrou uma perda dupla: “Eu peguei o vermelho... e minha dor, além de insuportável, é também dupla, pois perdi meus dois filhos” (P3).

O grupo silenciou. Esse silêncio não foi vazio nem ausência de resposta; foi uma forma de presença. A escuta coletiva produziu uma pausa ética diante da dor do outro. Naquele momento, a intersubjetividade deixou de ser apenas conceito teórico e tornou-se gesto vivido. O fio vermelho parecia atravessar simbolicamente os demais fios, pois a dor narrada por um participante passou a compor, ainda que sem ser apropriada, o tecido sensível do grupo.

Outros participantes escolheram o amarelo e o verde, associando suas escolhas a momentos de oscilação entre tristeza e esperança. Também surgiram relatos de dores relacionadas a afastamentos familiares, doenças, perdas recentes e morte de animais de estimação. Essas falas ampliaram a compreensão do luto e mostraram que

a perda não se restringe à morte humana. Em muitos casos, sofre-se por aquilo que deixou de ser presença, rotina, companhia, segurança ou pertencimento.

O bastidor, a trança central e a memória dos vínculos

Após a partilha, os participantes foram convidados a prender os fios no bastidor. O gesto, aparentemente simples, teve forte densidade simbólica. Cada fio escolhido individualmente deixou de permanecer isolado e passou a integrar uma composição coletiva. A dor nomeada por cada pessoa tornou-se parte de uma imagem comum, sem perder sua singularidade.

O bastidor, nesse contexto, funcionou como território pedagógico da memória. Ele reuniu cores distintas, intensidades diferentes de dor, histórias diversas e formas plurais de enfrentamento. A materialidade dos fios permitiu visualizar aquilo que a experiência já havia revelado: nenhuma dor é idêntica à outra, mas todas podem encontrar lugar em uma trama de acolhimento.

No centro do bastidor foi colocada uma trança confeccionada com fios mais espessos, dedicada aos acadêmicos da UMA que faleceram recentemente. A trança central não representou apenas uma homenagem. Ela expressou a permanência dos vínculos, indicando que aqueles que partiram continuam a compor a memória afetiva da comunidade. A imagem dialoga com a noção de vínculos continuados, pois a elaboração da perda não exige apagamento, mas transformação da presença em memória viva.

A trança também atualizou a Pedagogia da Trama Viva. Ao ocupar o centro do bastidor, ela mostrou que o luto coletivo não fica à margem da experiência educativa. Ele participa da formação humana, atravessa a convivência e convoca o grupo a reconhecer a finitude como parte do aprender a viver. Nesse sentido, a UMA/UFT reafirma uma educação que não separa conhecimento e existência, corpo e memória, afeto e aprendizagem.

O encerramento ocorreu entre lágrimas, abraços, sorrisos tímidos e palavras de gratidão. Os participantes destacaram que a atividade ajudou a nomear dores, acolher o outro e ressignificar perdas. A expressão “Jeito UMA de Ser e Viver”, mencionada no grupo, ganhou concretude no próprio encontro: não como slogan institucional, mas como modo de estar-com, de escutar sem julgamento e de sustentar a vida no meio da dor.

V. Considerações Finais

A vivência “Trançando dores, afetos e memórias”, realizada no Grupo Dor e Luto da UMA/UFT, revelou a potência pedagógica da escuta sensível e da simbolização coletiva da dor. Ao utilizar fios coloridos, bastidor, música e partilha oral, a experiência criou condições para que o luto fosse nomeado não como fraqueza, interrupção ou obstáculo, mas como dimensão constitutiva da existência humana.

O uso ressignificado das cores permitiu aos participantes aproximarem-se de suas dores sem necessidade de explicá-las de forma racional ou completa. A cor funcionou como primeira linguagem; o fio, como mediação sensível; o relato, como abertura de si; o bastidor, como imagem da coletividade; e a trança central, como permanência simbólica dos vínculos que a morte não desfaz.

A análise evidenciou que o luto, em sentido ampliado, atravessa perdas humanas, afetivas, familiares, corporais, relacionais e simbólicas. Ao acolher relatos de morte de filhos, afastamentos, doenças e perdas de animais de estimação, o grupo reconheceu dores muitas vezes não legitimadas socialmente. Esse reconhecimento é pedagogicamente importante, pois uma educação humanizadora não seleciona quais sofrimentos merecem escuta; ela cria espaço para que a experiência vivida possa aparecer com dignidade.

Do ponto de vista fenomenológico, o encontro mostrou que a dor se manifesta no mundo vivido por meio do corpo, da palavra, do silêncio e da presença do outro. A intersubjetividade não apareceu apenas como categoria teórica, mas como experiência concreta de estar junto diante da vulnerabilidade. O silêncio do grupo, os abraços e as lágrimas foram modos de linguagem e de cuidado.

Conclui-se que o Grupo Dor e Luto constitui um espaço formativo relevante no interior da UMA/UFT, pois articula educação intergeracional, cuidado, memória e reconstrução de sentidos. A Trama Viva manifestou-se como pedagogia do acolhimento: não retirou a dor dos participantes, mas ofereceu uma comunidade capaz de sustentá-la, simbolizá-la e transformá-la em vínculo. Entre cores, fios e afetos, a experiência mostrou que educar também é aprender a permanecer com o outro quando a vida se torna frágil.

Referências

- [1]. BOWLBY, John. *Apego E Perda: Perda, Tristeza E Depressão*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- [2]. BRASIL. Ministério Da Saúde. *Acolhimento E Classificação De Risco Nos Serviços De Urgência*. Brasília: Ministério Da Saúde, 2009. Disponível Em: https://Bvsmms.Saude.Gov.Br/Bvs/Publicacoes/Acolhimento_Classificacao_Risco_Servico_Urgencia.Pdf. Acesso Em: 25 Out. 2025.
- [3]. CASELLATO, Gabriela (Org.). *O Resgate Da Empatia: Suporte Psicológico Ao Luto Não Reconhecido*. São Paulo: Summus, 2015.
- [4]. CASELLATO, Gabriela (Org.). *Luto Por Perdas Não Legitimadas Na Atualidade*. São Paulo: Summus, 2020.
- [5]. FRANCO, Maria Helena Pereira. *O Luto No Século 21: Uma Compreensão Abrangente Do Fenômeno*. São Paulo: Summus, 2021.
- [6]. FREIRE, Paulo. *Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa*. São Paulo: Paz E Terra, 1996.
- [7]. HEIDEGGER, Martin. *Ser E Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

- [8]. HUSSERL, Edmund. *A Crise Das Ciências Europeias E A Fenomenologia Transcendental*. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- [9]. KLASS, Dennis; SILVERMAN, Phyllis R.; NICKMAN, Steven L. (Org.). *Continuing Bonds: New Understandings Of Grief*. New York: Routledge, 1996.
- [10]. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre A Morte E O Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- [11]. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia Da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- [12]. MINAYO, Maria Cecília De Souza. *O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa Em Saúde*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- [13]. MUSSI, Ricardo Franklin De Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo De. Pressupostos Para A Elaboração De Relato De Experiência Como Conhecimento Científico. *Práxis Educacional, Vitória Da Conquista*, V. 17, N. 48, P. 60-77, 2021.
- [14]. NEIMEYER, Robert A. *Meaning Reconstruction And The Experience Of Loss*. Washington, DC: American Psychological Association, 2001.
- [15]. OSÓRIO, Neila Barbosa. *A Universidade Da Maturidade Da UFT: 20 Anos De Inovação Em Educação Intergeracional E Estratégia Metodológica Trama Viva*. Palmas, 2025.
- [16]. SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia E Relações Sociais*. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.
- [17]. SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. *As Estruturas Do Mundo Da Vida*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- [18]. STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. The Dual Process Model Of Coping With Bereavement: Rationale And Description. *Death Studies*, V. 23, N. 3, P. 197-224, 1999.
- [19]. WORDEN, J. William. *Grief Counseling And Grief Therapy: A Handbook For The Mental Health Practitioner*. 5. Ed. New York: Springer Publishing Company, 2018.